

RODA E CYPHER - CAPOEIRA E BREAKING

CIRCLE AND CYPHER – CAPOEIRA AND BREAKING

126

Lara Machado

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4772-6493>

Viola Luise Barner

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n1ID36343

RESUMO

O ensaio “Roda e Cypher - Capoeira e Breaking” propõe desenvolver um diálogo entre os espaços onde acontecem as culturas da capoeira e do *Breaking*, a partir das vivências das autoras do texto. Com base nos diversos encontros, entre rodas e *cyphers*, essa escrita relata experiências, conta histórias, desenvolvendo pensamentos para a dança em suas movências, jogos, lutas, disputas e criações.

Palavras-chave: *Cypher*, Capoeira; *Breaking*, Movimento

Abstract

The essay “Roda e Cypher - Capoeira e Breaking” sets out to develop a dialogue between the spaces where the cultures of capoeira and breaking take place, found on the experiences of the authors of the text. Based on the various encounters, between rodas and cyphers, this writing recounts experiences, tells stories, developing thoughts for dance in its movements, games, fights, disputes and creations.

Keywords: *Cypher*, Capoeira; *Breaking*, Movement

Chegança

Lá vem ela. Vem da rua. É a prática do dia a dia e do corpo a corpo. Corpo que somos. Corpos em jogos. O corpo da rua e da roda é o corpo capoeira e o corpo “[...] é o que somos. O corpo fala porque ele já é uma linguagem unificada entre o biológico e o cultural.” (OLIVEIRA, 2021, p.124).

Dos corpos, a roda, e, da roda, as capoeiras. E a capoeira, como diz Pedro Abib, “(...) como tantas outras manifestações da cultura popular, é um rico manancial da humanidade (...)”. E é na prática da capoeira que muito se aprende:

(...) sobre a vida e sobre valores fundamentais para a existência humana como a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, o compartilhar, o respeito à natureza, a cooperação, o equilíbrio, a humanidade, a parceria, entre tantos outros ensinamentos que a sabedoria de nosso povo vem cultivando, preservando e transmitindo de geração em geração ao longo da história de nosso país, resistindo e lutando por manter vivas suas tradições, legado maior de uma ancestralidade que rege suas formas de ser e estar no mundo (ABIB, 2005, p.223).

A Capoeira é arte, luta e jogo, que surgiu como ato de resistência dos escravos africanos levados ao Brasil no século XVI. Já o universo do *Breaking* é derivado da cultura Hip-Hop, uma cultura popular que foi criada por afro-americanos e latinos nos anos 70 na cidade de Nova York. Se olharmos para sua origem, pensando no atual alcance global, vamos perceber que o Hip Hop começou como expressão artística radical. Nasce nos bairros populares, principalmente aqueles tomados pela violência policial, pelo classicismo e racismo, excluídos pela sociedade estadunidense, onde, jovens cidadãos foram criando estratégias de luta por seus direitos. A luta arte-política do povo para o povo atraiu muita gente. Além do *Breaking*, o *MCing*, o *Grafiti Art* e o *DJing* são considerados os elementos de base que se fundiram em subculturas, ainda que compartilhando da mesma cosmovisão e contando com um conhecimento amplo dos seus agentes. Como teve seu marco de início há 50 anos e foi fundada por jovens, a cultura do *Breaking* tem seus pioneiros vivos e, em grande maioria ativos, que representam o primeiro acesso à história da cultura.

No texto as vivências descritas têm base e raiz nas experiências das autoras Lara Machado, Mestra da *Capoeira dos Arteiros* fundada no ano 2002, e Viola Luise,

Bgirl, integrante do *Coletivo Gang Gangrena*, da *Capoeira dos Arteiros*, e estudante do curso de Especialização em *Dramaturgia Expandidas do Corpo e dos Saberes Populares* na Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB. O encontro das autoras teve início em 2013, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, onde as pesquisas acadêmicas dialogaram em suas diversidades com as culturas da capoeira e do Hip-Hop.

Onde a magia acontece

Em uma praça, visualizamos círculos compostos por gente. A atenção está nos centros dos espaços, sons de batidas saem dali e ecoam com o vento, se espalham. Aproximamo-nos. O som vindo dos tempos sai da caixa acústica aterrada no chão da rua, ou de uma bateria de berimbaus, pandeiros, atabaques, reco-recos e agogôs. Pés descalços ou calçados. Roupas brancas, troncos nus, roupas coloridas, cabeças cobertas. São espaços espiralados, ao mesmo tempo, diferentes e semelhantes. Os detalhes os definem no tempo e espaço, e nossos corpos pertencentes aos rituais se lançam no miolo da roda, dando luz ao imaginário. Movências artísticas assentadas na ancestralidade, que “é um resgate do corpo não como volta ao passado, mas como atualização da tradição” (OLIVEIRA, 2021, p.131-132). Nas rodas, as poéticas são próprias, se desdobram nas gingas, mandingas e chamamentos. Corporificadas no espaço da tradicionalidade dos saberes residem entre o vivido e o inventado.

A roda é igual à semente, regada em cada jogo, fazendo crescer, amadurecer e brotar cada pessoa que se joga nela. Na Capoeira tem quem cante. Um puxador de encantos. Tem também um coro que responde como se fosse uma onda em sintonia com o espaço espiralar. Lá se luta, se joga, se dança, e a brincadeira permeia as inúmeras relações traçadas durante o rito. Para Eduardo Oliveira:

(...) a tradição e a experiência dos ancestrais, jogam um papel fundamental na roda de capoeira. O contexto não é apenas o imediato. Também o contexto é permeado por frestas por onde irrompe o passado criativo e infestado de dobras onde se alojam as surpresas de tempos de antanho e vindouros. Essas dobras são descobertas pelo movimento da

A roda na cultura da dança do Hip-Hop é conhecida como *Cypher*. Acompanhada por batidas graves saindo de uma caixa de som, promove encontros, trocas que exploram as capacidades corporais, seus desejos, limites e mistérios. Lá moram as disputas, que podem exibir antigas e novas discordâncias entre as pessoas. São modos de ser, de apresentar-se com seus diferentes estilos de dança ou de enfrentamento de batalhas hierárquicas. Enquanto na roda da capoeira dois corpos compõem o jogo, as entradas dos corpos dançantes no *Cypher* ocorrem de forma individual, pois se trata de uma improvisação em negociação com o ambiente. O corpo que dança abre brechas para explorar a si mesmo quando enfrentado, acompanhado e inspirado pelas dançarinas inseridas na roda junto às nuances sonoras da música. A pesquisadora Gladistoni Tridapalli entende que no *Cypher*, “o corpo duvida, cria modos de responder às surpresas, aos inesperados, para permanecer em relação: o corpo, pela necessidade de continuar estabelecendo nexos de sentido com o seu ambiente, constantemente interroga, levanta hipóteses, muda, resolve e se transforma.” (TRIDAPALLI, 2009, pg.59)

Acreditamos que a imprevisibilidade de cada improviso, de cada jogo, de cada corpo que se expõe e se cria nesse espaço, coloca os corpos em momentos de instabilidade construtiva: para reconhecer a capacidade de reinventar, explorar a memória corporal e experienciar cada encontro como único. Para a autora:

O corpo problematiza, levanta interrogações como possibilidades de mudanças, como possibilidade de combinações de movimentos e outros modos de relações no e com o ambiente, lidando permanentemente com o embate entre suas necessidades, ideias, possibilidade e o conjunto de condições que são restritivas” (TRIDAPALLI, 2009, p.74)

Os encontros de corpos, tanto na capoeira quanto no *Cypher*, acontecem em uma grande variedade de lugares, constelações e circunstâncias – nas praças, ruas, em espaços fechados, estimuladas por uma bateria, uma caixa de som, um canto ou até em silêncio, basta apenas o encontro dos corpos em movimento. O

encontro pode ser íntimo ou anônimo, entre grupos diversos, grandes ou pequenos. Por vezes, é organizado previamente, mas também acontece a partir do momento que integrantes da cultura decidem jogar ou dançar. A tendência é que esses espaços se tornem mais potentes a cada instante, com energias crescentes, ou seja, *breakers* que escutam de longe a batida da música, se aproximam e se juntam ao *Cypher* – capoeiristas que passam, sentem um chamado e se integram à roda. É o cultivo da ação-ritual nas diferentes culturas, em que as pessoas mais velhas, com maior experiência de vida naquele ritual, monitoram, indireta ou diretamente, o que acontece: quem entra, quem sai e quem fica.

Essas culturas criadas na rua, por e para todas e todos que ali circulam, atraem pessoas que ainda não as conhecem, e por muitas vezes, demonstram vontade e coragem de adentrar o espaço. O redondo e o miolo desses espaços simbolizam o encontro, a troca, o jogo das relações e a construção de novos mundos. As sabedorias compartilhadas, o acesso a diferentes conhecimentos, a possibilidade de participação, assim como também as disputas, as malandragens, a hierarquia – tudo habita esses espaços redondos e misteriosos que nos ensinam sobre a vida.

As hierarquias aparecem de diferentes maneiras nas culturas, como por exemplo, na Capoeira Regional, onde a corda indica tempo, dedicação e nível de conhecimento do capoeirista. Percebemos também na idade e tempo de vida e nas experiências das pessoas ao tocar algum instrumento, ou na vestimenta branca, por exemplo, que também é entendida como demonstração da capacidade de um capoeirista não se sujar no jogo. No *Breaking*, o estado do tênis de quem dança, por um lado, demonstra sua dedicação quando calça um tênis muito acabado, ou ao contrário disso, demonstra seu cuidado e controle dos seus movimentos através de um solado muito preservado.

Ao entrar na roda para jogar ou no *cypher* para dançar, o conhecimento transparece cada vez mais. Há a questão da dominação do espaço. Quanto mais apertado, menor o espaço da roda, mais controle de movimento exige-se da pessoa que entra no centro.

A musicalidade das duas culturas nos convida a perceber o todo, a escutar as chamadas do berimbau, a saber, quando uma música termina e outra começa, a saber, como finalizar minha dança para outra pessoa pegar o gancho dando fluência ao *cypher*.

No *Breaking*, se entrarem várias pessoas ao mesmo tempo, a decisão de quem fica no centro do espaço se torna sutil ou bruta – a pessoa mais velha reconhece a coragem da iniciante e cede, porém, quando a cabeça mais quente desce rapidamente ao chão, expulsa a(s) outra(s). Se uma disputa começa, o diálogo entre as adversárias domina até ser resolvida, seja pelo cansaço ou pela superioridade provada.

Na capoeira, a regra habita a consciência de cada pessoa que joga, e com elas, o Mestre orienta a roda. No *cypher* todas, principalmente as integrantes dos mesmos grupos das adversárias, têm direito de interromper o “racha” entrando para dançar. Na capoeira, a disputa é consigo mesma, cada pessoa busca se conhecer por meio das relações traçadas ao longo da vida e com isso se superar a cada passo dado, a cada descoberta feita junto aos coletivos e comunidades da capoeira por onde passou, viveu, conviveu, coabitou e coexistiu. É a luta feita a golpes, negativas, roles e gingas.

No *Breaking* disputa-se ao dançar, em resposta aos movimentos da outra pessoa, com a tarefa sem fim de contribuir à continuidade fluida e ao aprofundamento do *Cypher*.

Chamamentos

Entrar na roda, estar em roda é ser corpo em diálogo constante com o ambiente. Sentir-se plena, estar alerta, criando possibilidades em nossas movências. Principalmente nos primeiros anos de vivências nessas rodas de capoeira e no *cypher*, a adrenalina costuma tomar conta da gente, a ponto de não lembrarmos o que dançamos e jogamos depois de termos dançado ou jogado. Lidamos com nossos reflexos o tempo todo, e o que nos provoca é interagir com vários corpos ao mesmo tempo. A pulsação dos corpos, ombro a ombro, promove

diálogos quando pulsam juntos e acompanham o ritmo, e na mesma intensidade, quando instigam a criação de momentos em improvisações. Aqui o corpo é “(...) veículo e conteúdo; ponto de partida e de chegada; mensagem e signo; símbolo e sentido; caminho e trajeto. O corpo é um microcosmos!” (OLIVEIRA, 2021, p.119)

Ao sentir-se pertencente ao universo da capoeira e do *Breaking*, o corpo da dançarina ou capoeirista, “(...) se torna completamente presente e preparado para reagir às demandas expressivas da música” (PAREJO, 2010, pg. 121). Assim, acreditamos que durante os jogos corporais, o corpo reinventa a si mesmo e cria inúmeras possibilidades de ser e estar por meio da musicalidade proposta pelas comunidades com as quais convivem.

No *Breaking* enfrentamos corpos dançarinos à frente de uma banca de jurados. Lá estão dançarinos renomeados que se enfrentam em inúmeras categorias de batalhas. Por exemplo, numa versão festiva, a/o dançarina/o, cada vez que ganha uma entrada, tem de beber um copinho de cachaça. Outro formato são as batalhas de exibição. Corpos convidados se enfrentam, na maioria das vezes, sem limite nem de entradas nem de tempo. Chega a ser um formato de espetáculo dentro dos hábitos culturais. Como um jogo entre mestres. É belo, excitante e quem assiste com atenção pode aprender muita coisa.

Existem diretrizes de comportamento que não impedem que tudo aconteça de forma dinâmica naquele espaço e tempo exatos em que nos colocamos à disposição para jogar. A possibilidade de que “do nada” um golpe nos pega, e então, é respondido, instiga a disputa, chama a luta, faz com que nosso corpo jamais desvie sua atenção, além de aguçar nossas percepções no jogo das relações, tanto de quem pula para o centro do espaço, como de quem compõe o grande círculo que acolhe o espaço sagrado das rodas. No fazer acontecer, ninguém quer perder o momento disparador, nem quem tá dentro e nem quem tá de fora observando.

*Meu olho é transparente, ele pensa
O pensar transparece no meu olhar, me incomoda.
Com uma sutileza difícil de captar num espaço atemporal, me desentendo
com os olhares que encontro.
O jogo do encontro pelo toque da pele me chega mais fácil, percebo
melhor.
Meu olhar parece me comprometer, me desafiar, me entregar.
Expõe de mim algo instantâneo que nem sei o que é.
Afasto, chamo, intrigo.
Como mel, dourado, doce me desce num gozo quando encontro um
olhar que se entende com o meu e parte para o jogo que alimenta o desejo
do toque a ponto de apaixonar-se num piscar de olhos.
Mas é raro que meu olhar se entenda de cara com outro, se abra. Sinto
que enxergam em mim uma desconfiança profunda
me angustio.
Sou outra no toque.
O olhar, um estado de ser, é berço da comunicação.
Quero encontros em vulnerabilidade com meu olhar.
Enfrento eu as batidas do coração que o “olho no olho” me proporciona.
Será que é por que o olho fica tão pertinho do cérebro?
Vou lhe imaginar nas mãos, e mãos debaixo das minhas sobrelanceiras.
E assim o meu toque acariciaria
com a facilidade de um dedo.*

Vários aspectos das trocas corporais que acontecem no jogo da capoeira, (re)aparecem nos espaços do *Breaking*, como por exemplo, o olhar, que é um elemento que perpassa pela dança, luta, brincadeira e jogo. Na luta, desviar o olhar provoca derrota, é a brecha para tomar um golpe, o vacilo frente à malandragem

de alguém, já na dança, o olhar pode entregar sua não-entrega, tanto que enxergamos nas pessoas seu desconforto quando o olhar está fixo no chão para esconderem-se em si mesmas.

Na competição, nas batalhas de *Breaking*, o olhar define se eu estou sabendo enfrentar o meu adversário. Devo estar ciente dos seus deslocamentos e, principalmente, direcionar minha dança a ele. Afinal, a minha dança na disputa é em diálogo com ele! Inclusive, eu não olhar, não me comunicar com quem me desafia, pode ser usado contra mim, por ele, chamando atenção da minha falta de maturidade, autoconfiança e domínio de jogo. Os jurados me veem de lado e avaliam também se a minha comunicação é com quem está a minha frente.

Tanto na capoeira como no *Breaking* o enfrentamento conta com a elaboração criativa de atitudes que convêm ao momento do jogo. Existe um grande repertório de gestos e ações que servem ao espírito da batalha neste confronto para dialogar, aclamar que sua dança não é original, constatar que ainda é novo e não entende o que está fazendo, dar uma rasteira e colocar o outro corpo no chão, entre muitas outras ações. Além também da habilidade dos corpos mais experientes que espontaneamente reagem às malandragens, demonstrando uma tranquilidade para a cena de disputa, seja consigo mesma ou com outra pessoa.

Em seu livro “A arte da batalha” (2007), tratando do fazer do *Breaking*, Luiz Alien Ness Martinez estuda a partir de escritas de *Bruce Lee* e *Sun Tzu*, a importância do ato de batalhar, ressaltando que a pessoa realiza a maior batalha contra si mesma, além de reforçar a busca da aprendizagem autônoma, ou seja, uma abordagem metodológica que incentiva a autodescoberta na própria dança. Pode-se entender que “(...) autonomia, dessa forma, se aproxima da ideia de conscientização: como um estado em que o sujeito é capaz de ir experimentando enquanto se relaciona com o mundo.” (TRIDAPALLI, 2009, pg.45).

Celebração

A roda de capoeira e de *Cypher* são ações rituais das culturas da capoeira e do *Breaking* que celebram a existência e resistência de suas comunidades.

Uma Jam, por exemplo, é uma festa cultural de encontro e fazer artístico. Pode ou não contar com batalhas na programação, mas o principal é que tenha música e que tenha quem dance. Há *Jams* em homenagem a artistas influentes do movimento para comemorar o aniversário de uma *Crew*, para boas causas, etc. *Jams* existem em todas as formas e de todos os tamanhos, da maneira mais simples até estruturas oriundas do âmbito internacional, sobretudo se se repetem vários anos em seguida. Laura *Lau.rinha* Serfaty, artista do Hip-Hop, integrante da *Marginalz Crew* que organiza a *Marginalz Jam*, constatou, para demonstrar o sucesso da sexta edição do evento, que tinha contado onze *cyphers* no *skatepark* onde tudo estava acontecendo — batalha, lazer e festa. Ou seja, a quantidade de pessoas que estava compondo a festa, criou cada vez mais *cyphers* para que todos pudessem dançar muito.

Nada muito diferente dos batizados na capoeira, onde a programação também acaba sendo praticamente um pré-requisito para se encontrar, jogar, comer e beber. Ninguém quer que acabe e todos os corpos vêm preparados, carregando instrumentos dispostos para seguir juntos em celebração até o outro dia.

Em grande estilo ou meramente para comemorar um reencontro, sempre existem motivos para celebrar ou fazer uma comemoração em homenagem a alguém ou a um acontecimento. Para além das festas nos batizados ou encontros e nas batalhas ou *Jams*, existem, por exemplo, ritos para os aniversários dos integrantes — o aniversariante joga com cada um do seu grupo até ser derrubado, na capoeira. A aniversariante dança enfrentando uma quantidade de adversárias que corresponde à idade que está fazendo, no *Breaking*.

O dia a dia

O treinamento de cada um no *Breaking* varia muito. Assunto recorrente é a dificuldade do acesso à informação que varia com cada geração e cada contexto. Sendo uma cultura jovem, há pouco tempo ainda não existiam maestrias. Mas já existiam certas mídias. Fitas cassetes, relatos, programas de TV, depois YouTube. Inspirados em figuras como James Brown, os Nicholas Brothers e Miriam LaVelle, além de estilos em dança como o Lindy-Hop, ou esportes como a acrobacia, a fonte principal foram diversas culturas africanas e latino-americanas, dentre elas, a capoeira. A dança foi aprimorada ao longo dos anos e, se hoje a vemos conquistando o mundo, é graças ao fato de que, agora, já existe uma geração de mais velhas que passam seus conhecimentos. Tê-las como exemplos de superação e resistência, de um estilo de vida criativo e ativo, voltado para a valorização das origens, o reconhecimento dos valores e princípios “peace, love, music and having fun”, cria uma relação de respeito mútuo e inspiração para os próprios afazeres. “Paz, Unidade, Amor e Diversão” é um trecho de “Unity”, uma música gravada por Afrika Bambaataa e James Brown, como um dueto, em 1984, e é utilizado, desde então, para descrever os objetivos do Hip-Hop.

Nos centros de juventude, espaço público, o mesmo corpo que ensina em outro momento aprende. As idades se misturam, os mais diversos seres se misturam; alguém opina, outro corpo é questionado, outro apenas observa. As histórias de vida perpassam este ambiente de múltiplas aprendizagens. O espaço para estudar a dança e o jogo surge pelo desejo de se aprofundar, aperfeiçoar movimentos ou criar uma variação própria de um passo técnico. Não há um papel fixo, as portas estão abertas, os desafios são reais e as regras de convivência subentendidas, ensinadas no exemplo, no fazer, nas trocas dos saberes encarnados. Por vezes, como acontece no treinamento entre os membros da mesma *Crew*, cada um conhece o potencial do outro corpo, incentiva sua evolução em prol da evolução do grupo todo. Entendem-se corpos da mesma família, se cuidam uns aos outros e resolvem discordâncias coletivamente ou no racha (disputa de dança sem jurados).

As dinâmicas de estudos e treinamentos na capoeira também variam com cada mestre, cada constelação e também dependendo das condições de cada lugar. Nos encontros é o mestre que guia o treino. Ele mostra golpes, esquivas, corrige, incentiva, conversa, escuta e instiga cada corpo. As discípulas se alinham conforme sua história de vida, o tempo de prática e seu conhecimento cultural. Ao mesmo tempo em que se cria um laço muito forte entre os corpos, proporciona-se por meio das trocas, a sabedoria e os ensinamentos que vão para muito além da prática dos movimentos. São saberes íntegros assentados na ancestralidade e que as palavras talvez não deem conta de descrever.

A capoeira chama e nos afeta para a vida. E sobre a chamada, Mestre Camaleão conta a seguinte história:

A chamada é utilizada na Capoeira Angola para quebrar a dinâmica do jogo, a energia do adversário. É utilizada para recomençar o jogo. E para testar também a pessoa que é menos experiente e transmitir o ensinamento de como entrar e sair. Com o intuito de abrir a visão periférica da pessoa que entra na chamada, testando sua habilidade, sua malícia e inteligência. Pois a chamada para mim é um jogo de inteligência entre duas capoeiristas na roda - um mais experimentado, o outro é testado que não quer dizer que quem tá sendo testado não tenha a experiência de entrar e de sair. Então, numa forma poética de se explicar a chamada, estou repassando uma história, não sei se verdade ou fictícia, mas acredito que fictícia.

Conta-se que um empresário muito violento, brabo, valente, esperto e então muito temido emprestava dinheiro às pessoas com juros. Um homem humilde pegou cem mil reais e não tinha como devolver. Se sentiu ameaçado de morte e malandramente, sem ter o dinheiro para pagar, prometeu ao empresário que iria pagar num encontro de meia noite no cemitério, numa noite sem lua. Chegou o dia, o agiota ligou para o empresário reafirmando o encontro e pediu que fossem ambos vestidos de branco - “assim nós reconheceremos um ao outro”, disse. O empresário concordou e à meia-noite foi ao cemitério vestido de branco. O agiota também foi, mas estava vestido todo de preto e como estavam longe das luzes da cidade numa noite sem lua, pude permanecer invisível. E então resolveu matar o empresário, pois sem cobrador se livrou das suas dívidas.

Essa história também é uma chamada na vida. É esse, o jogo de inteligência de uma chamada, é sobre a desconfiança necessária frente a uma chamada demonstrando manha, malícia e técnica para entrar. A chamada na Capoeira Angola é uma armadilha como na história onde o chamado respondeu inocentemente a chamada: O tal empresário, tão esperto, se deixou cair numa armadilha besta como essa. É contada para abrir a mente sobre as chamadas da vida. Porque na vida é como na roda de capoeira e a roda de capoeira é como a vida. Se você conseguir ler os

dois mundos, as duas rodas que existem – a da capoeira e a da vida, que para mim se dão o mesmo sentido, você pode se dar melhor (MESTRE CAMALEÃO, abril de 2024).

Acreditamos que é no dia a dia da capoeira e do *Breaking*, em seus inúmeros desafios e chamamentos, que encontramos o que nos faz a diferença. Nas trocas e conexões das práticas que escolhemos viver encontramos sentidos para a vida. Os conhecimentos, as vivências e sabedorias culturais, nós aprendemos vivendo. Na escuta e no observar, no ganhar e, mais ainda, no perder.

138

Mestre Tucano Preto durante uma aula de capoeira pede para alguém da roda dar-lhe um pé na bunda, literalmente, para demonstrar que assim ele vai para frente, em seguida nos provoca perguntando se o corpo depois do pontapé avançou. Percebemos que o corpo dele além de ter ido para frente avançando, também tinha se afastado da pessoa que deu o pontapé, assim, nós entendemos que aquilo foi uma maneira de afastar-se do que não faz sentido para nós. Muitas vezes, os chamados na roda são dessa natureza, às avessas.

Sentir-se em movimento com outros corpos nas dinâmicas dos jogos, exige para além do “dedicar-se”, o “entregar-se” ao desconhecido, ao inesperado. Sentir-se pertencente a esse “algo maior que nós”, é um presente. É conquista, liberdade e responsabilidade. É resistência e prazer. Não há lugar mais real (e mágico), incerto (e seguro) e generoso (e malicioso) que a roda, o *Cypher*, corpos em trocas transformando-se em corpo único nos espaços espiralados das ancestralidades.



Roda de Rua. Encontro de capoeiristas. Organização: *Capoeira dos Arteiros e Escola Brasileira de Capoeira*, sob responsabilidade de Mestre Lara e Mestre Oscar . Imagem: arquivo pessoal da autora. Campinas - SP, 2002.



Batalha final de *Crew*. Evento celebrativo *50 Years of Hip Hop*. Arquivo: @intelligentmovement
Organização: *Not Only Hip Hop*. Paris, 2023.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas: UNICAMP/CMU. Salvador: EDUFBA, 2005.

MARTINEZ, Luiz Alien Ness. A arte da Batalha. New York: Throwdown, 2007.

MESTRE CAMALEÃO. Depoimento. Abril de 2024.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Coleção X (Organização: Rafael Haddock - Lobo) _ 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

PAREJO, Enny. O corpo na educação musical, Coleção Corpo em Cena, Volume I. São Paulo: Anadarco, 2010.

TRIDAPALLI, Gladistoni dos Santos. Aprender investigando: a educação em dança é criação compartilhada. Dissertação de Mestrado/UFBA, Salvador, 2009.